



O GUARANI: A formação de uma cultura pela interpretação do território.

ARAUJO, Adelita S. (1); SABATÉ, Joaquín (2); VICTAL, Jane (3)

1. Puc-Campinas- CEATEC e Universidade da Politècnica Cataluña - DUOT
Rua Rio Grande Sul, 1313, S. M. Iguazu – Paraná
adelitaaraujo@hotmail.com
2. Universidade Politècnica da Cataluña – DUOT
joaquin.sabate@upc.edu
3. Puc-Campinas- CEATEC
janevictal@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa busca no arcabouço teórico da Paisagem Cultural a fundamentação para propor a valorização da cultura Guarani como um patrimônio. Utiliza como método a análise dos conceitos que impõem ao território a capacidade de oferecer ao homem os recursos que sustentam uma cultura. A partir da observação da cultura Guarani como uma Paisagem Cultural, realiza um recorte espacial e temporal, analisando as ações produzidas em prol dos “Guaranis de Itaipu”. Com isso, busca refletir sobre o caráter dinâmico que envolve a reprodução da Paisagem Cultural, analisando de que forma, as ações de integração social e econômica podem se transformar em processos de substituição de valores e significados. Destacamos sobretudo, que a valoração da Paisagem Cultural Guarani é um meio importante para reverter preconceitos e processos de assimilação cultural que estão enraizados na história da sociedade brasileira, sendo também, um meio eficaz de criar novas ferramentas, que possam compreender os significados da vida Guarani, o seu modo de ser e em resumo a sua identidade.

Palavras-chave: Guarani; Paisagem Cultural; Patrimônio; Integração social; Aculturação.

1. INTRODUÇÃO

Muitos são os trabalhos que vem contribuindo na compreensão da vida Guarani. Podemos dizer que estão especialmente desenvolvidas as pesquisas ligadas as dimensões religiosas e linguísticas do grupo, destacando-se a contribuição de antropólogos e jesuítas, que através dos séculos produziram contatos diretos e construíram grande parte das informações que conhecemos hoje.

A proposta deste trabalho é uma abordagem cultural a partir dos significados territoriais, utilizando o arcabouço teórico oferecido pelos conceitos da paisagem cultural, especialmente o que nos explica Carl Sauer (1925).

A primeira reflexão do texto busca compreender o fundamento ideológico que envolve a identidade Guarani, o sentimento que os une como iguais e como grupo.

Seguimos com uma aproximação às condições territoriais que possibilitam a reprodução da cultura Guarani. Primeiramente se pretende entender onde e como vivem, como se organizam, como interpretam o meio, como produzem seus cultivos, que necessidades possuem, que significados e formas estão associados ao território.

Essa abordagem está fundamentada em discussões recentes, que buscam inverter as concepções históricas de que o Guarani é um povo nômade e que migra em virtude de suas convicções religiosas.

Ao contrário disto, o trabalho busca demonstrar que os Guaranis possuem um conhecimento histórico profundo sobre seu território, sabendo aproveitar da melhor forma os recursos disponíveis, mantendo um convívio social amplo, que cria uma lógica de organização territorial específica, associada à sua condição cultural de agricultores e possuidores de uma técnica agrícola rica e produtiva.

A partir da construção desta ideia, que pretende fundamentar a cultura Guarani como uma paisagem cultural, apresentamos um recorte atual sobre a condição dos “Guaranis de Itaipu”. É uma abordagem rápida, que tem o propósito de refletir sobre um dos conceitos centrais da Paisagem Cultural: O caráter dinâmico da cultura e da ação humana.

É um conceito também defendido pela portaria 127 do IPHAN, que ao estabelecer a chancela da Paisagem Cultural Brasileira, entende como fundamental a implantação de políticas e ações que respeitem as transformações inerentes ao desenvolvimento econômico e social do patrimônio cultural.

Neste sentido, Sauer (1925) também nos fala que a paisagem cultural está sempre sujeita a transformações. Explica primeiramente que a paisagem cultural é sempre um resultado final, por que sugere a existência de um modo de vida e de um patrimônio já constituído. A partir desse ponto, ocorrem duas situações que podem produzir mudanças; a primeira é o “rejuvenescimento da paisagem cultural”, que acontece pela troca de conhecimentos e valores entre grupos diferenciados, evoluindo seus modos de vida; a segunda mudança, se faz pela substituição de uma paisagem cultural por outra, momento em um grupo se sobrepõe a paisagem cultural existente, eliminando-a totalmente.

Historicamente, o processo de colonização do continente Americano se caracterizou pela busca incessante da assimilação dos povos indígenas. Poderíamos dizer, parafraseando as explicações de Sauer, que se tratava de um processo de sobreposição da paisagem cultural do homem europeu sobre a paisagem cultural indígena.

Observar o caso dos “Guaranis de Itaipu” também nos coloca nesta reflexão. Até onde as transformações inerentes ao desenvolvimento econômico e social fazem parte do rejuvenescimento das paisagens culturais? A integração social oferecida aos Guaranis ocorre por uma troca mútua de valores e conhecimentos? É uma integração entre sociedades? São dinâmicas que se relacionam? Ou se trata de um processo unilateral? Onde a integração Guarani é na verdade uma substituição de valores; de economias, línguas, organização territorial e social. É pensar de forma crítica, se as ações produzidas em defesa da vida Guarani estão promovendo um processo de rejuvenescimento ou um processo de sobreposição de paisagens culturais.

2. O MODO DE SER GUARANI

Hoje em dia os Guaranis se reconhecem, enquanto identidade, a partir de um sentimento que eles chamam “Nande Reko” – nosso modo de ser. Segundo Meliá (1989), o mais antigo dicionário da língua Guarani, produzido por Montoya em 1639, já registrava o significado destas palavras, que também eram traduzidas como: nosso modo de estar, nosso sistema, nossa cultura, nossa norma, nosso comportamento, nosso hábito, nosso costume, nossa condição.

A compreensão da cultura Guarani abrange essa global interpretação dos significados da vida, dos mecanismos que sustentam sua estrutura social, econômica, política e religiosa. Um olhar sobre esse modo de ser pode desvendar ideologias, fórmulas de existência e acima de tudo as características que criam esse sentimento de grupo, de uma identidade que sustenta a rica condição humana de ser Guarani.

É neste sentido que a pesquisa se apoia nas contribuições de Carl Sauer, (1925). Para o geógrafo, todas as dimensões da cultura humana são formadas, desenvolvidas e aprimoradas a partir de suas relações com o território. É a partir dos recursos disponíveis em uma área, do contato com os elementos naturais, que o homem realiza suas escolhas, e elege certos materiais que estruturam seu modo de vida, desenvolvendo técnicas, cultivos, ferramentas, organização social, ideologias e tudo o mais que condiciona as culturas.

A partir da adoção destes conceitos, indagar sobre a formação e reprodução do modo de ser Guarani equivale a perguntar sobre sua experiência territorial, sobre as projeções que o meio produz em sua cultura, sendo a paisagem analisada como uma unidade orgânica, compreendendo-se a vida e a terra nos termos uma da outra.

3. A EXPERIÊNCIA TERRITORIAL GUARANI

3.1 O jardim do Éden

Para Sauer a aproximação à uma paisagem cultural se dá pela visibilidade, pela paisagem que se deixa ver, e que desvenda as dimensões do humano. Por outro lado, nos explica que a paisagem se manifesta muito além do pitoresco e admirável, por que antes de ser um estado contemplativo de um ambiente fechado, deve ser um olhar intuitivo, gerado pelo conhecimento e pela experiência visual da paisagem, que se desdobra no horizonte, que se abre e se prolonga muito além do olhar humano. É um desdobramento que se faz na profundidade da vida e da existência humana. É o espetáculo da paisagem como expressão da ação humana, portadora de sentido no encontro do homem com o ambiente natural.

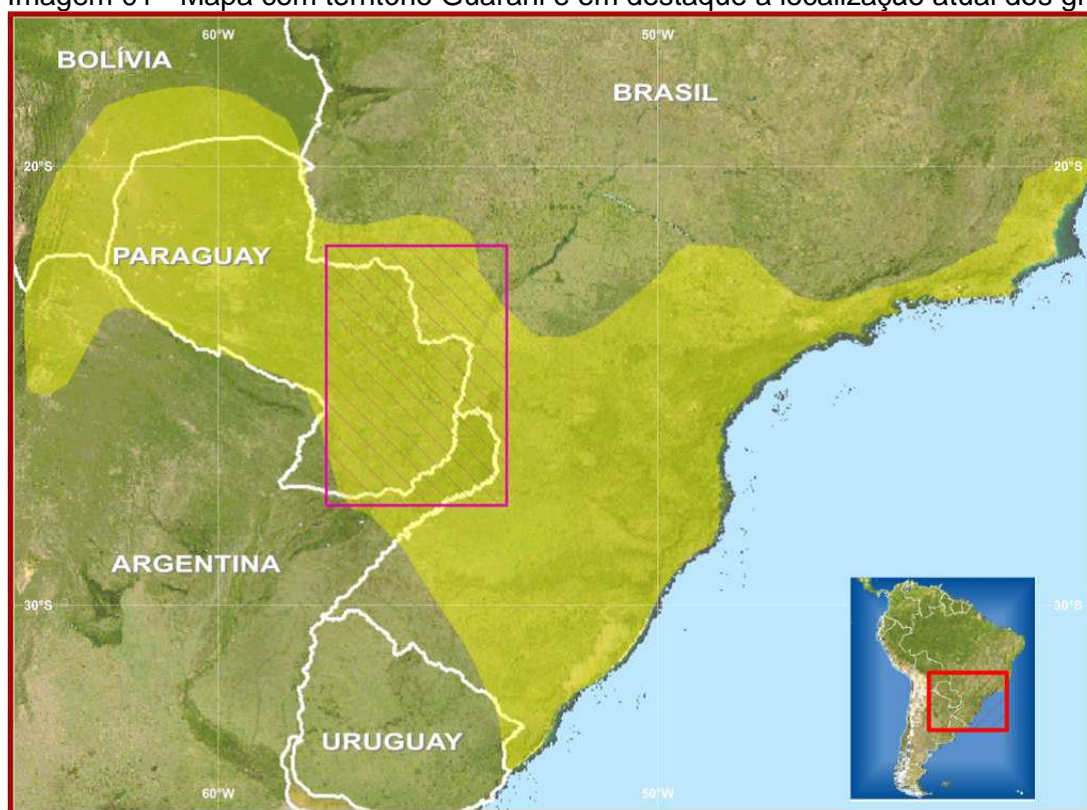
Os estudos da cultura Guarani, arqueológicos, antropológicos e históricos, já podem razoavelmente definir a área tradicional do povo Guarani. É uma área extensa, envolvendo parte da Bolívia e Argentina, praticamente todo o território do Paraguai, e a parte sul do Brasil, alcançando áreas litorâneas no Rio de Janeiro e São Paulo. (Mapa 01) Apesar da grande extensão, não se trata de uma ocupação espalhada e dispersa, mas, como veremos, de uma implantação muito sensível, que se faz de forma ordenada, contínua, em territórios de características próprias, particulares e que permitem a reprodução de sua cultura.

Como argumenta Nimuendaju (1914), apesar de encontrarmos grupos em pontos do litoral do Brasil, os Guaranis possuem uma cultura interiorana, e como demonstram as pesquisas; que floresceu vigorosamente ao longo dos grandes rios da Bacia do Prata, principalmente nas fronteiras entre o Brasil, Paraguai e Argentina. São nestas fronteiras, (mapa 01), que

atualmente encontramos a maior parte dos grupos Guaranis remanescentes, buscando meios de preservar e continuar a reproduzir seus padrões culturais.

Como bem argumenta Melià (2004), após as sucessivas independências políticas dos países, que se iniciam no começo do século XIX, os Guaranis passaram a ser intensamente colonizados e confinados a espaços cada vez menores, momento em que na prática começam a surgir Guaranis do Brasil, Paraguai e Argentina. As divisões submeteram os Guaranis a diferentes processos políticos e educacionais, onde cada estado nacional lhes transfere seus próprios problemas, seus símbolos nacionais e seus significados, que, todavia, ainda lhes parecem impróprios e pouco conseguem manejar e manipular.

Imagem 01 - Mapa com território Guarani e em destaque a localização atual dos grupos.



Fonte: Instituto Sócio-ambiental 2008

Os Guaranis que encontramos atualmente se dividem em quatro etnias diferentes Mbya, Kaiowá, Ava ou Nandeva e Ache-Guayakí, todos com grande semelhança nos aspectos fundamentais da organização social, política e territorial. São cerca de 100.000 pessoas, destes, 30 mil estão no Brasil, distribuídos em aproximadamente 500 aldeias entre os três países. Esses grupos, por vezes desconectados, migrantes ou reduzidos a ínfimos territórios,

são respostas a toda essa situação histórica de submissão e domínio que acometeu o povo Guarani.

O insistente contato entre eles, os recursos oferecidos pela língua, as práticas dos rituais, a forma de se estabelecer, interpretar e vivenciar o território, ainda lhes confere um reconhecimento e um sentimento de unidade cultural. Mas, como bem avalia Meliá (2004), muito do conhecimento sobre a cultura Guarani, que depende sobretudo da avaliação dos etnólogos -“os Guaranis de papel”- não registra, ou muito pouco registra, essas fragmentações e alterações culturais promovidas pelos muros e fronteiras implantados em seu território, sendo fundamental os estudos que avaliam esses processos em conjunto, para que se entendam problemas e situações específicas que acomete a cultura de cada grupo.

3.2 Os elementos do Paraíso

Nos diz Besse (2006), “...a percepção da paisagem é mais mundo do que natureza”. É dizer que perceber a paisagem é perceber o mundo humano, o lugar de seu desenvolvimento e realização, onde ocorre o contato com os elementos naturais e se constroem as memórias, as histórias vividas e impressas. “Nós estamos interessados naquela parte da cena que possui relação com o homem, porque nós somos parte dela”. (Sauer, 1925, pag. 302. Tradução nossa)

Segundo Sauer (1925), toda paisagem cultural sustenta-se em características que são gerais a todas as áreas; como o solo, a vegetação, os rios, os minerais, a fauna ou o clima; sendo o clima o principal componente de influência cultural. Isso quer dizer, que por mais singular que pareça uma paisagem cultural ela sempre estará apoiada em elementos que são gerais a todas.

Ainda segundo o mesmo autor, nem todos esses elementos disponíveis serão utilizados pelo homem, por isso, não se trata de uma investigação sobre todos os condicionantes do território, mas apenas dos elementos que fazem parte da paisagem cultural.

Dentro dos elementos selecionados pelo homem, alguns tendem a ser mais estruturantes que outros, e sua perda equivale a extinção da cultura viva, da continuidade da reprodução da paisagem cultural. São estas escolhas do homem, de utilizar este ou aquele elemento, que fundamentam as expressões culturais.

A cultura Guarani corresponde a uma paisagem cultural ainda viva, germinada a partir de uma experiência territorial que ao longo da história encontrou os caminhos para seu

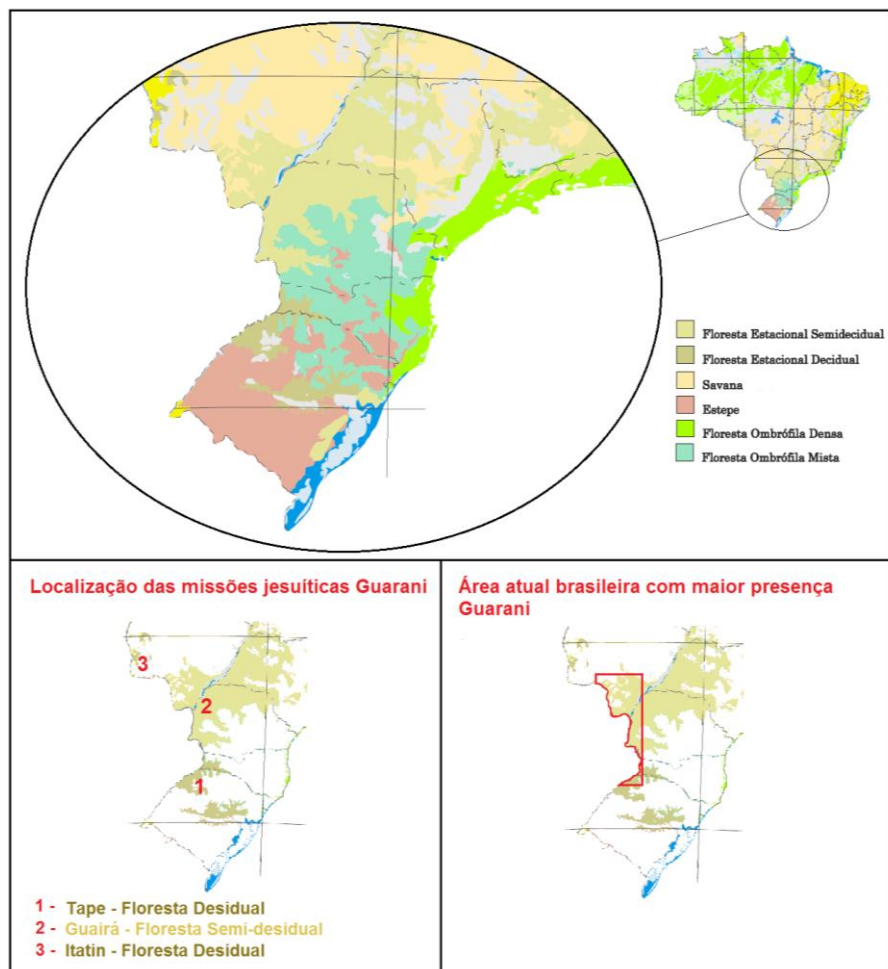
desenvolvimento. Na formação da paisagem cultural Guarani três são os elementos fundamentais para sua reprodução: o clima, a vegetação e os rios.

3.3 A floresta e o clima: fundamentos da técnica agrícola.

Como muitas civilizações humanas, a cultura Guarani se forma no momento em que o homem se fixa no território, perdendo sua condição nômade e desenvolvendo a técnica da agricultura. Assim como os povos da mesopotâmia desenvolvem uma agricultura observando as enchentes dos rios Tigres e Eufrates, a cultura Guarani também desenvolve sua técnica a partir da experiência com a vegetação e o clima da área.

A paisagem cultural Guarani do Brasil está caracterizada por um clima com duas estações bem marcadas; nos meses de outubro/março a pluviosidade média fica em torno de 190 mm e nos meses de abril/setembro a pluviosidade média é menor, fica em torno de 110 mm. Esse clima converte a vegetação em uma floresta densa, fechada, chamadas de floresta estacional semi-desidual, onde 20% a 50% da vegetação perdem suas folhas na estação seca; e floresta desidual, onde a perda das folhas ultrapassa 50% da vegetação. (Mapa 02)

Imagem 02 – Floresta estacional semi-desidual e desidual.



Fonte: Elaborado pela autora

A partir da observação do clima e da vegetação, o Guarani desenvolve a técnica agrícola da coivara, que consiste na queima de uma porção de mata para o plantio. Apesar desta técnica ter sido praticada por outros povos ameríndios, na cultura Guarani ela recebe um novo modo de fazer, associando um calendário específico, onde a derrubada da mata e a queima é realizada nos meses menos chuvosos e o plantio no mês de agosto, período em que começam os maiores índices pluviométricos.

O tipo de vegetação também é fundamental para a técnica agrícola, não existem Guaranis em áreas de campo por exemplo, por que as cinzas resultantes da queima da floresta estacional é o que corrige a acidez do solo e o alcance da grande produtividade.

Como mostram os documentos históricos, quando os espanhóis chegaram a região do Paraguai ficaram maravilhados com a “divina abundancia” de alimentos, que incluía milho, mandioca, batatas, feijão andu, amendoim, cará, abóboras e repolhos, bananas e ananás-

abacaxi, de diferentes espécies, assim como diversos outros cultivos que geravam grandes excedentes. (Instituto Sócio-Ambiental 2008)

A agricultura Guarani também é registrada em muitos documentos Jesuíticos “...É gente muito trabalhadora... plantam milho, mandioca e outras raízes e legumes que eles têm e são muito bons, dá-se tudo com grande abundancia” (Jesuíta anônimo, 1620, apud. Cortesão, 1951: 166. Tradução nossa).

“Plantam em montes e a cada três anos pelo menos mudam o lugar. O modo de fazer o plantio é: primeiro arrancam e cortam as arvores pequenas e depois cortam as grandes, e já próximo de plantar, como estão secas as árvores pequenas (ainda que as grandes não estejam muito) ateam fogo que queima tudo o que tinham cortado, e como é tão grande o fogo ficam queimadas até as raízes, na terra oca e fertilizada pelas cinzas, no primeiro aguaceiro plantam o milho, a mandioca e outras muitas raízes e legumes” (Jesuíta Anônimo, 1620, apud Cortesão, 1951: 166, tradução nossa).

Na chegada do homem europeu essa técnica assegurava a sobrevivência de uma grande população Guarani. Segundo Meliá (1989), apenas na região das missões do Guairá viviam cerca de até 800 mil pessoas. A grande produtividade da técnica permitia que a área de plantio fosse muito pequena, preservando a mata adjacente que oferecia outros recursos como a caça.

Segundo Susnik (1983), que estudou os Guaranis no Paraguai, a área de plantio para um grupo Guarani de 100 pessoas, é de apenas 1 alqueire, 140 metros por 70 metros. A grande produtividade ocorre tanto pelo conhecimento dos períodos certos de plantio, colheita, e preparo da terra, como pela aplicação de um tipo de manejo sustentável, que deixa a terra descansar a cada três ou cinco anos, permitindo que a mata se regenere e que seja novamente utilizada no futuro.

Podemos ter uma referência de produtividade pelo relato de Saint-Hilaire (1938, p. 120), que fala sobre a técnica da coivara cabocla no plantio do milho: “O milho colhido em solo pouco fértil dava oitenta vezes a semente plantada, enquanto em solo fértil e imediatamente após a queimada, chegava a uma proporção de quatrocentos por um”. O relato do viajante nos mostra uma produtividade cinco vezes maior que a técnica convencional da época, sendo uma excelente produtividade mesmo em tempos atuais, que com todos os estudos sobre o milho, recursos tecnológicos e melhoramentos genéticos aplicados, as boas lavouras não produzem

mais do que quatrocentos e cinquenta grãos por semente plantada¹. Se comparássemos outras lavouras, que possuem menos estudos e investimentos tecnológicos, certamente a produção Guarani alcançaria índices muito superiores.

Segundo Schaden (1974), a lavoura do milho branco, chamada de saboró, é a que assume a maior importância dentro da cultura Guarani. Além de uma das principais fontes de alimento, constitui-se como matéria prima para a fabricação de chicha, uma bebida fermentada utilizada nos rituais. Esse milho branco, produzido uma vez ao ano, cria um calendário anual, que é também religioso, motivando inúmeras cerimônias ao longo do período de plantio, crescimento e colheita.

Com a colheita do milho, juntamente com outros recursos do território, como o mel e o peixe, os Guaranis executam um de seus principais rituais, o Nimongaraí, ritual que foi descrito por Nimuendaju (1914). Neste ritual as crianças nascidas naquele ano têm seus nomes revelados pelo Pajé, pois na cultura Guarani não são os pais que escolhem o nome dos filhos, a pessoa já existe antes da concepção, sendo necessário apenas descobrir qual é o seu nome. É a partir da descoberta do nome correto, que o Guarani pode viver uma vida plena, saudável e feliz. (Instituto Sócio-Ambiental, 2008)

A falta deste ritual, ou sua má realização, é considerada como um mal agouro, e para os Guaranis é a fonte de todo mal que pode acometer uma pessoa. Tão significativo é este ritual, que segundos relatos dos documentos históricos do Paraguai colonial, com os conflitos gerados pela chegada dos Espanhóis, as tribos Guaranis passaram a cancelar os rituais do Nimongaraí e a “rebatizar” toda a tribo, acreditando que os antigos nomes estavam errados e que por isso todo aquele mal havia se instalado na terra.

3.4 Os rios: Componentes da organização territorial

O modo de ser Guarani funciona como um grande sistema, onde as relações com o território, criaram condições para o desenvolvimento de uma economia, política e religião própria. Todos esses fatores, que se comunicam entre si e possuem diversos graus de interdependências, são suportados por um tipo de organização territorial que possibilita a reprodução dos padrões culturais e da própria sociedade Guarani.

¹ Dados de produtores rurais na costa-oeste do Paraná. “Cada grão vai gerar uma espiga, cada espiga tem de 14 a 17 fileiras, com 28 a 33 grãos. A média fica em 15 fileiras com 30 grãos, que gera 450 grãos por grão de milho plantado”.

Desde a implantação dos primeiros espanhóis na região de Assunção, a principal preocupação do governador Irala (1556), era evitar qualquer tipo de mobilidade Guarani após o “empadronamento”, ou seja, após a contagem e senso da população. Neste objetivo publicava leis que diziam: “Que não se mudem, vão, nem se ausentem de suas casas e povoados e outros povoados e casas, nem parte alguma, e ali vivam e permaneçam por todo o tempo que Deus lhe der vida...” (Paraguai, 1556: 511, apud Susnik, 1983, tradução nossa).

É importante frisar que a população Guarani não é um povo migrante. Quando o território está organizado e em harmonia, o Guarani não sente a necessidade de migrar, essa condição ocorre, quando não há mais meios de permanência no território, quando a perturbação à ordem natural é tão intensa que impede o seu modo de ser e a reprodução cultural, forçando os grupos a abandonarem as aldeias e buscarem outros territórios.

Sua organização se dá a partir da fixação de pequenos grupos no território: “Suas populações antes de reduzir-se² são pequenas, por que plantam em morros e querem estar em poucos para que não se acabe a produção e também por que possuem sua pesca e caça acomodados” (Jesuíta anônimo, apud Cortesão, 1951:167, tradução nossa).

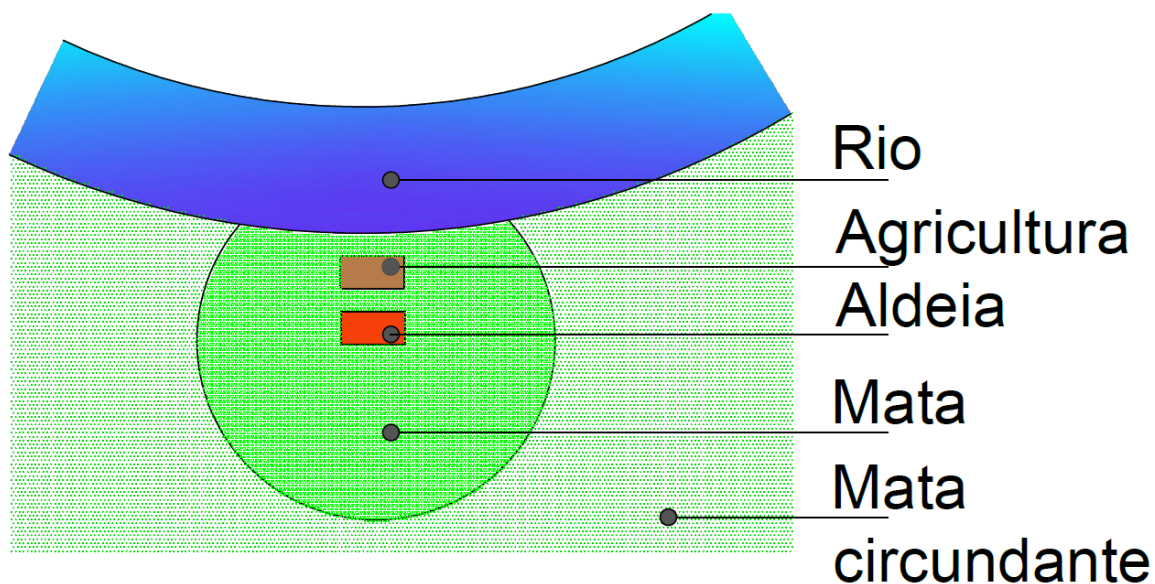
A organização social desse pequeno grupo é chamada na língua Guarani de Teyy. Susnik (1983) explica essa organização social como “família extensa”, núcleos que possuem uma liderança (geralmente uma pessoa mais velha) e não são necessariamente parentes consanguíneos. Trata-se de uma pequena comunidade, de até 250 pessoas, que entendem a produção agrícola, a pesca e a caça como parte de sua vida. Por isso não conseguem entender o sentido que o homem branco impõe ao “trabalho” e a divisão das pessoas por classes sociais. No modo de ser Guarani o trabalho é uma condição para a vida humana.

A organização Social possui dois níveis de organização territorial, o Tekohá e o Guará.

O grupo Guarani de uma Teyy vive dentro do chamado “Tekohá”, que consiste em um espaço físico que pode variar em forma e superfície, mas está sempre composto de uma aldeia, uma área de plantio, mata e rio. Cada um destes componentes do Tekohá possui significado e função que é também social, religioso, político e econômico.

Imagem 03 - Desenho esquemático de um Tekohá

² Antes de irem para as Reduções Jesuíticas.



Fonte: Elaboração própria

Na aldeia Guarani encontram-se em torno de 3 ou 4 casas, com uma edificação para a realização das cerimônias. Historicamente, os Guaranis viviam em grandes casas, com até 60 pessoas, onde a vida era organizada por um sistema comunitário. Devido ao longo processo de aculturação e contato com os valores europeus, os Guaranis do Brasil já não vivem em casas grandes como no início da colonização, mas quando possível, costumam manter seus padrões construtivos, e a execução da casa de cerimônias, que em cada região possui algumas diferenciações, mas constroem de maneira muito fiel aos seus padrões culturais. (Imagem 04)

Apesar da grande importância do Tekohá, os Guaranis não vivem em comunidades isoladas. Todo Tekohá faz parte de um sistema regional de organização territorial. Isto os estudos arqueológicos também vêm confirmando, (Noelli, 2004), já que, a descoberta de um Tekohá como sítio arqueológico Guarani, sempre conduz a descoberta de outros no entorno.

Imagem 04 - Casa de cerimônia no Tekohá Guyra Roka



Fonte: Funai, 2014

Neste mesmo viés, um Tehohá nunca se encontra sozinho no território e sempre está conectado a outros Tekohás a partir dos rios. A função do rio dentro do Tekohá, não é apenas de subsistência, com o fornecimento de água potável e peixe, mas é um mecanismo de mobilidade, que estrutura a comunicação entre os grupos, bem como constrói os aspectos ideológicos da cultura, possibilitando a economia, as relações sociais e a partir disto, também a religião e a política.

Sobre o deslocamento dos Guaranis nos escreve o Jesuíta Montoya em 1639: “Se iam de um lugar ao outro por rios, que são muito grandes nestas paragens do rio Paraná (...) encontrei alguns índios, (Guaranis) e me deram o aviso de uma embarcação que estava em um arroio, me aconselharam a não caminhar por terra, por que sem dúvida, me matariam os índios bárbaros, que habitam por aqueles montes” (Montoya, 1639: 48).

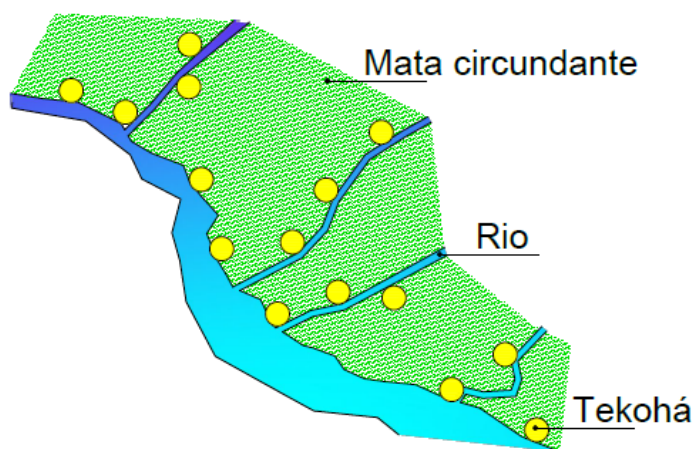
Os rios da Bacia do Prata são uma apropriação histórica do povo Guarani; através deles desenvolveram sua estrutura social e se separaram da dinâmica territorial de outros povos. Os índios Kaingang, por exemplo, viviam em territórios muito próximos aos Guaranis, mas constituíram outra forma de mobilidade territorial, com um deslocamento que ocorria apenas por terra. Tratava-se de uma organização natural entre os povos, onde cada qual possuía seu modo de vida e não avançava no território do outro grupo.

É possível que o desenvolvimento desta estrutura social, onde os grupos Guaranis se organizam a partir destas intensas relações humanas, também com um alto grau de

espiritualidade, seja o motivo pelo qual os espanhóis e jesuítas os consideraram como sendo uma nação pacífica, de fácil contato e domínio.

A organização dos Tekohás ao longo dos rios, criando essa estrutura regional de contato, é descrita por Susnik (1983) pela palavra “Guará”. Apesar dos Guaranis atuais ainda manterem os contatos entre os tekohás, reconhecendo o Tekohá como uma organização fundamental ao modo de ser, não são todos os grupos que ainda utilizam a palavra Guará.

Imagem 05 – Esquema de organização de um Guará



Fonte: Elaborado pela autora

3 - O GUARANI DE ITAIPU

Pode-se dizer, que a história do Guarani moderno no estado do Paraná e Mato Grosso do Sul, começa a ser definida em 1857, quando se inicia os primeiros aldeamentos imperiais para a colonização do território. É um processo intenso de ocupação e tomada dos territórios indígenas, tanto Guarani quanto Kaingang, que se completou com um rápido processo de urbanização no século XX.

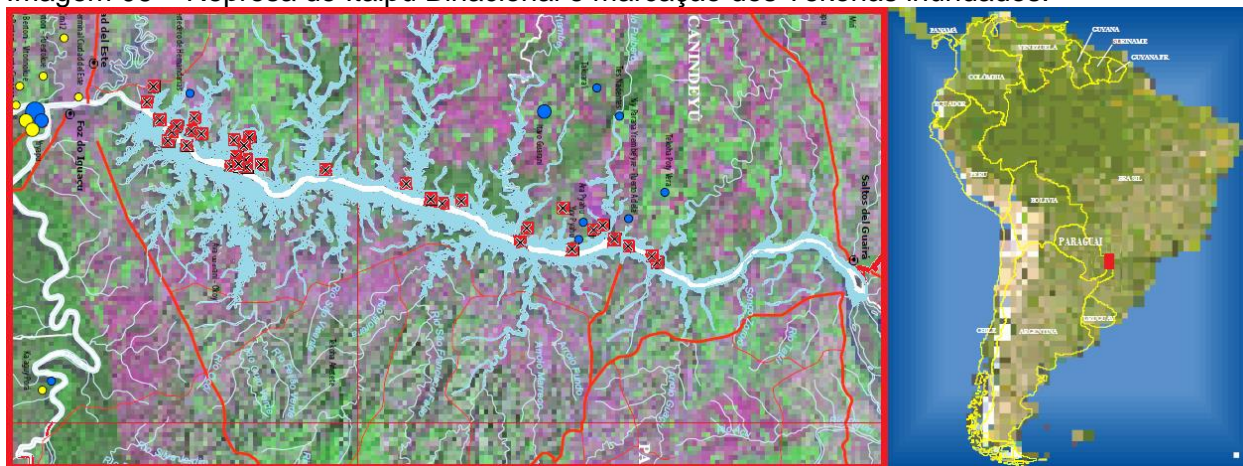
Deste processo resta apenas 5% da floresta semi-desidual onde habitam os Guaranis, e boa parte deste total está reservado ao Parque Nacional do Iguaçu. Muitos grupos Guaranis foram extintos neste processo, outros migraram em busca de lugares para viver, como a serra da Mantiqueira no Rio de Janeiro, áreas no litoral do Brasil e interior do Paraguai. Estes movimentos migratórios são constantemente tratados como um traço da cultura Guarani e pouco se fala sobre a relação das migrações com os processos históricos de ocupação e colonização do território.

Na década de 1970, a fronteira do Paraná, na divisa com o Paraguai e Argentina, era um dos únicos territórios que ainda contava com alguma presença Guarani. Por conta das leis de defesa das fronteiras, havia um controle rigoroso na ocupação territorial e com isso se preservaram muitas áreas de mata nativa, assegurando a permanência de grupos Guaranis.

No ano de 1982, quando a Usina Hidrelétrica de Itaipu foi concluída, ocorreu o alagamento das terras para a formação de seu reservatório, inundando as últimas terras em posse dos Guaranis da fronteira. O mapa elaborado pelo instituto ambiental, com o apoio de diversas ONGS internacionais em 2008, mostra que pelo menos 36 Tekohás foram alagados; outros estudos avaliam em mais de 100 os Tekohás alagados. Valores que também podem ser mensurados a partir dos depoimentos dos Guaranis:

“Aqui mesmo, em Dois Irmãos, tinha 70 famílias indígenas [...]. Eu era cacique também. Depois veio Itaipu e mandou tudo embora [...]. Falou que ia vir a água e que pode se mandar. E o que que nós ia fazer?! Naquele tempo o exército manda. Fazer o que né?! [...] Choremos tudo, vai pra Paraguai, vai pra não sei aonde.... [...] Foi em 1983.” (COMISSÃO DA VERDADE, p. 214, 2014).

Imagem 06 – Represa de Itaipu Binacional e marcação dos Tekohás inundados.



Fonte: Instituto Sócio-Ambiental – (recorte nosso)

Segundo Carvalho (2013), depois de um longo período de negociações, 12 famílias Guaranis conseguiram ser indenizadas e receberam uma pequena faixa de terra ao lado do reservatório de Itaipu, com aproximadamente 210 metros de largura, que passou a ser chamado de Tekohá Ocoy (imagem 07).

Muitos grupos Guaranis fugiram para o Paraguai e outros foram compulsoriamente transferidos para reservas indígenas mais ao centro do estado. Ocorre que após o alagamento, muitos

destes grupos voltaram e passaram a viver em áreas de invasão ou aglomerados no Tekohá Ocoy. Segundo Carvalho (2013), no ano de 2001 já havia no tekohá Ocoy 95 residências, onde viviam mais de 600 pessoas de forma permanente, contudo sem condições adequadas de subsistência.

“O chefe do posto da Funai, Reinaldo, segundo o testemunho dos indígenas, com o intento de ajudá-los, assistindo ao problema imediato das famílias, que passavam fome, aconselhou-os assim, a cortar a madeira para uso (lenha) e para venda”. (Carvalho, 2013)

A venda de madeira da área de preservação gerou uma ação civil pública contra os Guaranis. A partir do ano de 2001, após estudos e relatórios de antropólogos, e sem outra solução possível para preservar a área de APP., a justiça determinou que a Itaipu assumisse a responsabilidade social frente aos grupos, entendendo que aquela população sofria pela perda de suas terras provocada pelo alagamento da usina.

Imagem 07 – Tekohá Ocoy – Croqui da área e fotos do Lugar



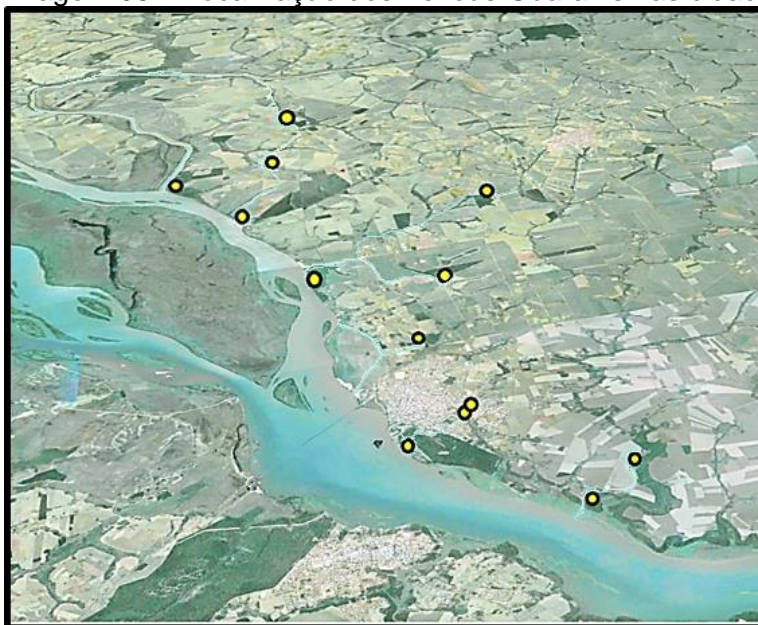
Na reserva de Ocoy, existem hoje cerca de 700 Guaranis, a Itaipu providenciou a compra de uma nova área onde passaram a viver outros dois mil Guaranis. Desde então, como determinou a justiça, a Itaipu tem promovido ações para a subsistência das famílias com a distribuição de cestas básicas, e busca ações para torná-los cidadãos autossustentáveis, e por fim, abandonarem a ajuda da Usina.

Neste intuito, no Tekohá Ocoy, a Itaipu produziu casas em alvenaria, um centro cultural onde por vezes se realiza a missa, encontros evangélicos e a comemoração do dia do índio. Construiu também uma escola onde as crianças podem aprendam o português. Dentre outras ações para promover a auto sustentabilidade, tem os ensinados a plantar, utilizando técnicas e equipamentos do homem branco. (Imagem 07)

Muitos Guaranis ainda vivem em áreas de invasão na fronteira, enquanto outros continuam voltando de áreas do interior do Paraguai. A vida dentro dos Tekohás de Itaipu nem sempre é aceita por todos os Guaranis, causando, muitas vezes, a migração para retomarem seus antigos territórios, formando novos Tekohás em terras “invadidas”.

Desde 2001, nas cidades de Guaíra e Terra Roxa, áreas ao norte do alagamento de Itaipu, têm reunido muitos Guaranis e criado novos tekohás. Atualmente são 13, distribuídos a beira do Rio Paraná e seus afluentes, em uma organização territorial muito próxima ao que Susnik (1965) nos explica sobre a formação do Guará (imagem 08).

Imagem 08 – Localização dos Tekohás Guaranis nas cidades de Guaíra e Terra Roxa.



Fonte: Elaborado pela Autora

Todos estes Tekohás estão em áreas de propriedade privada, são terras invadidas, embora algumas contenham sítios arqueológicos de até 400 anos, territórios que atualmente abrigam uma população de cerca de duas mil pessoas. Na maioria destes Tekohás, os Guaranis não conseguem plantar, não possuem água potável ou estruturas de saneamento. Vivem sobre a liderança de um cacique (homem ou mulher), em casas muito simples, feitas de madeira extraída das matas. Continuam mantendo suas relações sociais e seus fundamentos religiosos, onde as famílias se visitam, algumas mudam de um Tekohá a outro e todas aguardam uma definição da justiça, onde a Funai move uma ação para criar uma reserva indígena, confiando que um dia, poderão todos retomar seu modo de vida e sua identidade.

CONCLUSÃO:

É a partir desse reconhecimento, de que o Guarani conseguiu desenvolver uma fórmula inteligente de vida, com conhecimentos agrícolas gerados pela interpretação respeitosa do território, com práticas sociais e religiosas, que em várias situações nos remete a uma harmonia entre a vida e o território, seja em suas edificações, técnicas ou tradições, que garante o melhor aproveitamento dos recursos naturais, sem degradar ou devasta-los, chamada hoje vida sustentável, que entendemos a cultura Guarani como uma paisagem cultural.

Neste sentido, refletindo sobre esse patrimônio vivo, que é também um laço que envolve nossas mais profundas raízes e tradições, que se faz necessário a motivação de políticas, medidas e ações que busquem assegurar a vida e também o modo de ser Guarani; respeitando seu território, sua economia, seu modo de plantar, suas relações sociais, sua religião e sua paisagem cultural. Integrações e ajudas fora deste contexto, não são ações que motivam o desenvolvimento da paisagem cultural, mas sim a sobreposição de uma paisagem cultural pela outra, figurando de forma velada, dos mesmos objetivos históricos de aculturação, que tendem a ignorar e destruir suas origens, condenando-os a perder a sua identidade.

Medidas de valorização da paisagem cultural Guarani, podem se converter em outros efeitos secundários positivos, primeiramente por que é capaz de quebrar os paradigmas históricos do preconceito social, pois equivale a reconhecer o Guarani como um cidadão que possui valores sociais, religiosos, produtivos, artísticos e humanos, e que muito pode ensinar e contribuir para toda a sociedade.

Depois, por que também pode se converter em uma ferramenta eficaz de manutenção da própria vida Guarani, já que sua condição atual está entre as mais críticas do Brasil indígena. A

fragmentação de sua identidade, os preconceitos sociais, a condição de miséria e abandono, seja motivada pela perda das terras ou políticas mal direcionadas, tem gerado uma triste realidade dentro da sociedade Guarani, que hoje detém o maior índice de suicídio de jovens do mundo.

Esta situação é promovida não apenas pela condição de pobreza em que vivem, mas principalmente pela falta de valorização humana, onde o jovem perdeu totalmente a esperança, sabe que não existe uma solução rápida para a recuperação das terras, tão pouco conseguirão ser aceitos em uma sociedade que eles próprios pouco compreendem. E ainda pior do que a antiga situação de migrar em busca de uma terra sem mal, uma terra sonhada onde poderiam reproduzir o seu modo de ser, é ter certeza que essa terra não existe e que todos os valores que eles reconhecem e acreditam não são valorizados e tão pouco podem ser praticados.

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, A. y SABATÉ, J. (2015). Paisagens Culturais no Brasil. Um desafio pendente. In: Revista ID. Território, Cultura e Patrimônio. (Barcelona), 6, 7-21.

CARVALHO, Maria Lucia Brant de, (2013). Das terras dos índios, a índios sem-terra. O estado e o Guarani do Ocoy. Violência, Silêncio e Luta. Tese de doutorado, São Paulo, 2013.

COMISSÃO DA VERDADE, (2014). Violação de direitos humanos dos povos indígenas. Texto 5, disponível em: Acesso em 24/04/2014

CORTESÃO J. (1951) Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640) Manuscritos da Coleção de Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Brasil.

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL. (2008) Guarani-Retã. Povos Guarani na fronteira. Argentina, Brasil e Paraguai. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org>> Acesso em 15/04/2013

ITAIPU BINACIONAL, (2014). Relatório de sustentabilidade de segmentos vulneráveis - sustentabilidade de comunidades indígenas. Disponível no Acervo técnico de Itaipu.

MELIÀ, B. (2004). El pueblo Guarani: unidade e fragmentos. Campo Grande, Telus, ano 4, n.6, p.151-162.

MELIÀ, B., (1989). A experiência religiosa Guarani. In: O rosto índio de Deus. São Paulo, ed. Vozes, 1989.

MELIÀ, B., GRÜNBERG, (1976). Los Paî-Tavyterã: Etnografia guarani del Paraguai contemporaneo, in: Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo, Vol XI nº 1-2.

MELIÀ, B., SAUL, J. y MURARO, V. (1987) O Guarani, uma Bibliografia Etnológica. Santo Angelo: Fundação Pró-Memória. FUNDAMES.

MELIÀ, B. (1986). El Guarani Conquistado y Reducido. Ensayos de Etnohistoria. Asunción: CEPAG. Universidad Católica Paraguay.

NIMUENDAJÚ C. (1910). Nimongaraí. Mana, 7, 143-149, 2001

- NIMUENDAJÚ C. (1910). Apontamentos sobre os Guarani. Revista Tellus, 24, 311-360, 2001
- NOELLI, F. S. (2004). Las distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guarani. Revista das índias, vol. LXIV, número 230, págs. 17-34.
- SABATÉ, J. (2001). Projectant l'eix del Llobregat. Paisatge cultural i desenvolupament regional. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya.
- SABATÉ, J. (editor) (2005). De la preservación del patrimônio a la ordenación del paisaje. Revista ID. Territorio, Cultura y Patrimonio. (Barcelona), n.01, 15-33.
- SAINT-HILAIRE, de A. (1938), Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, 2 vols., companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938. (vol. I, p. 205)
- SAUER, C. (1925) The Morphology of Landscape. Geography. University of California Publications 2, 19-54.
- SCHADEN, E. (1974) Aspectos fundamentais da cultura Guarani. São Paulo, Editora Edusp.
- SUSNIK, B. (1964). El Guaraní en la vida Socio-Económica Colonial. Revista de Sociología. 01. 30-48.
- SUSNIK, B. (1965). El Guaraní Colonial. "El indio Colonial del Paraguay". Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- SUSNIK, B. (1983). "Los Aborígenes de Paraguay", Tomo V. Ciclo Vital y Estructura Social. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- VICTAL, J.; ARAUJO, A. Itaipu Binacional e a produção do espaço de fronteira. In: XVI Encontro Nacional da Anpur, 2011, Rio de Janeiro. XIV Encontro Nacional da ANPUR, 2011. v. 1.
- VICTAL, J.; ARAUJO A. A urbanização de fronteira e as relações latino-americanas. Estudo de caso das vilas de Itaipu.. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR), v. 13, p. 75-89, 2012
- VICTAL, J.; ARAUJO, A. O habitat Caipira e o cultivo do milho no Alto Vale do Paraíba. Identidades. Territorio Cultura Patrimonio, v. 06, p. 75-99, 2015.